

LIÇÕES DE UMBANDA
(e quimbanda)

NA PALAVRA DE UM “PRETO-VELHO”

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)**

Silva, W. W. da Matta e, 1917- .

Lições de umbanda (e quimbanda) na palavra de um “preto-velho” / W. W. da Matta e Silva. —

9. ed. — São Paulo : Ícone, 2014.

ISBN 978-85-274-0892-9 (13 dígitos)

ISBN 85-274-0892-9 (10 dígitos)

1. Umbanda (Culto) - História 2. Quimbanda (Culto) - História I. Título.

06-6088

CDD-299.60981

Índices para catálogo sistemático:

1. Umbanda : Religiões afro-brasileira 299.60981
2. Quimbanda : Religiões afro-brasileira 299.60981

W. W. DA MATTA E SILVA

LIÇÕES DE UMBANDA
(e quimbanda)

NA PALAVRA DE UM “PRETO-VELHO”

9ª Edição

 **icone**
editora

© Copyright 2014.
Ícone Editora Ltda.

Capa

Meliane Moraes

Diagramação

Solange Vieira

Editoração eletrônica

Richard Veiga

Revisão

Rosa Maria Cury Cardoso

Proibida a reprodução total ou parcial desta obra,
de qualquer forma ou meio eletrônico, mecânico,
inclusive através de processos xerográficos,
sem permissão expressa do editor
(Lei n° 9.610/98).

Todos os direitos reservados pela

ÍCONE EDITORA LTDA.

Rua Anhanguera, 56/66 – Barra Funda

CEP 01135-000 – São Paulo – SP

Tel./Fax.: (11) 3392-7771

www.iconeeditora.com.br

iconevendas@iconeeditora.com.br

ÍNDICE

A) Introdução. B) “As sete lágrimas de pai-preto – páginas dedicadas aos aparelhos umbandistas, precedida de um comentário. C) “Os véus da dor” – mística dedicada a diversos... (da página 7 à 16)

1ª Parte

Preto-velho define Umbanda. Fala do conceito mitológico e do conceito esotérico ou de adaptação oculta do astral. Das 7 Vibrações ou Linhas de Força Espiritual. Descreve as três classes ou aspectos da faixa-umbandista. Médiuns fracassados. Causas – Duríssimas vaidades – o Roteiro de Incertezas – Os reflexos – a Reabilitação ou reintegração mediúnica. Fala dos evangelhos – de Jesus e Deus-Pai..., 17

2ª Parte

Preto-velho fala dos 7 Veículos do Espírito. Do cérebro-anímico. Do Núcleo Vibratório propulsor intrínseco ao Espírito. Dos 7 Núcleos Vitais Originais – Dos 3 Organismos Essenciais – o mental, o astral, e o físico, em relação com a Matriz-Perispirítica ou astral. Dos Tribunais Superiores e Inferiores em face do Carma Individual e Grupal, 55

3ª Parte

Preto-velho fala da mediunidade sem os véus da ilusão. Das 3 classificações distintas e generalizadas de mediunidade – suas condições face às práticas e aos rituais que se processam em nome de Umbanda. Os verdadeiros médiuns podem cair na faixa dos neuro-anímicos. A Mão Es-

querda traz o Selo Mediúnico (vide clichê – página 111). Sinais de sua comprovação. O autêntico selo dos magos. Da interpretação dos ritos. Da ação das palmas. A verdade sobre os Tambores e o seu perdido “segredo mágico”. Das “guias” ou colares. Pontos cantados, 77

4ª Parte

Preto-velho fala da Alta Magia ou da Magia divina na Umbanda. Do equilíbrio mágico do Congá. Da ação dos defumadores e dos banhos em face da qualidade do Signo de cada um. Chaves de identificação astrológica oculta. As plantas mágicas de Umbanda como plantas solares e lunares. Do uso mágico das chamas ou luzes de velas, lamparinas, etc. A Lei de Pemba ou a Grafia dos Orixás, através de seus Enviados. A Magia dos Triângulos como Escudos fluídicos dos Orixás por seus elementais. O Mapa-chave composto nº 6, 121

5ª Parte

Segredos da Quimbanda ou Planos Opostos. A verdade sobre os chamados de Exus — espíritos elementares na fase evolutiva. Não confundir Quimbanda com “Quiumbanda”. Os Exus — *a polícia de choque* do baixo astral, em grande atividade ou num tremendo trabalho de fiscalização e frenação sobre os quiumbas — os marginais do baixo astral. As verdadeiras oferendas que Exu recebe. Os Exus do Ar, do Fogo, da Terra e da Água e os seus escudos fluídicos na Lei de Pemba — armas, lutas, prisões e castigo no astral, 147

Respondendo a Perguntas, 181

INTRODUÇÃO

Este livro é mais uma contribuição nossa em prol do meio umbandista. Tem por objetivo atender a incontáveis pedidos, insistentes mesmo, de admiradores e simpatizantes da Umbanda e, sobretudo, por seguidores dos Princípios ou Regras estabelecidas em nossos trabalhos nesse Campo.

Desses, o que mais agradou (edições esgotadas), causando até celeuma e largamente sabotado, foi o intitulado “Umbanda de todos nós”, um compêndio de fôlego, todo ilustrado.

Assim, cremos ser altamente oportuno sairmos com estas “Lições”. Urge fazer chegar aos verdadeiros umbandistas, gente simples e boa, mais esclarecimentos preciosos, diretos, para que, por sua assimilação imediata, possam aproveitar com mais propriedade suas afinidades, pela aquisição dos conceitos reais em que se firma esse movimento, dito como Lei de Umbanda.

Esperamos, então, que estas lições possam situar a questão com a devida clareza em benefício de todos os seus filhos-de-fé, os que sabemos serem simples, bons e, sobretudo, honestos em suas convicções.

Para facilitar os entendimentos, compomos estas lições em forma de diálogo entre um desses “filhos-de-fé”, a quem identificamos como Cícero (médico, estudioso, sensato e observador), e um espírito amigo, a quem costumamos chamar de “preto-velho”.

Asseguramos que esse diálogo, com as respectivas anotações, realmente aconteceu. Apenas fizemos as necessárias adap-

tações, dando-lhes a forma literária de nosso feitio, ou seja, de nosso alcance.

Asseveramos mais, que esse “preto-velho”, a quem rendemos justa homenagem e eterna gratidão, é o Pai G..., do qual fomos e somos o veículo mediúnico direto, e foi ele ainda quem muito cooperou, anteriormente, para que escrevêssemos a já citada obra “Umbanda de todos nós” e a seguinte da série, de caráter essencialmente interno, iniciático, sob o título de “Sua Eterna Doutrina”.

Outrossim, tínhamos prometido sair com duas obras: uma versando sobre a indústria da umbanda e a outra, com o nome de Çakala – a filosofia do Oculto.

Praticamente ficaram prontas, isto é, a primeira, nós a destruimos, obedecendo tão-somente às ordens de Cima, do Astral, embora que, por sua vontade, sairia. A outra vai demorar um pouco, pois a sua oportunidade nos foi aconselhada, tendo em vista a assimilação de “Sua Eterna Doutrina” – que fixa os postulados da Lei de Umbanda, definindo seus aspectos filosóficos, científicos, religioso, e que penetra ainda no âmbito da metafísica – assimilação essa que está ainda se processando lentamente.

Agora, prezados irmãos leitores, os convidamos a criar com o pensamento, o seguinte quadro-mental, porque é através dele que “verão” Cícero abordar, com esse “pai-preto”, as questões que terão seqüência neste trabalho.

Eis o quadro: um “terreiro” simples, pobre, feito de madeira, na encosta de um morro, quase sem vizinhança. Tudo respira paz. Entremos... Alguns bancos para assistentes e uma separação resguardando a parte destinada às coisas espirituais. De frente, há uma pequena mesa coberta por alvíssima toalha. Na parede, uma estampa de Cristo. Sobre a mesa, uma tábua de 40 x 30 cm, repleta de estra-

nhos sinais feito a giz e ainda 3 pires para acender velas e 2 jarros com flores. No chão, ao lado da mesa, 2 banquinhos brancos. É só...

Pois era aí que esse “preto-velho” “baixava”, isto é, tinha nesta ocasião o seu “congá”.

Robusteçam então esse quadro-mental e sintam: – “preto-velho” está no “reino” (incorporado), calmo, pitando, e Cícero – o filho-de-fé a quem passou a chamar de “Zi-cerô”, sentado de frente, consultando... e vejam! deu-se uma curiosa metamorfose: “preto-velho” não é mais o mesmo! Deu-se uma curiosa metamorfose: “preto-velho” não é mais o mesmo! “Botou de lado” aquele linguajar de guerra, de uso vulgar nos terreiros. Ele agora está falando claro, positivo. Sua palavra é uma partícula do Verbo. Tem sabedoria. Tem compreensão. Tem tolerância. Todavia, ele faz uso, vez por outra, de certos termos da “gíria de terreiro”, para melhor entendimento. “Preto-velho” está dizendo “coisas” a “Zi-cerô”, pois ele pergunta muito...

Vamos, prezados irmãos, ler e sentir o que “Pai G...” diz, nestas “Lições de Umbanda na palavra de um preto-velho”... pois elas também servirão para os estudiosos entenderem ou alcançarem melhor os ensinamentos contidos nas duas obras anteriores citadas.

Nestas páginas, estão gravadas as impressões vividas e sentidas por mim, diretamente, de um humilde e leal amigo do astral – o Pai G..., a quem rendo minha eterna gratidão, como seu veículo mediúnico desde a infância...

Desse “preto-velho” colhi esse lamento e essa lição, sobre a natureza das humanas criaturas que “giram” nos terreiros ou Tendões de Umbanda.

Isto foi há muitos anos... quando a experiência ainda não tinha encanecido minha alma nesse mister...

Naturalmente, ele, ao proporcionar-me esse “passeio-astral” e ao falar assim numa demonstração direta, quis que eu visse a coisa como ela era e é... pois tinha ilusões e bastante ingenuidade ainda...

Assim, quero dedicar essas suas sete lágrimas, a meus irmãos de Umbanda, aparelhos, sinceros, para que, meditando nelas e vibrando na doce paz desses “pretos-velhos”, possam haurir forças e compreensão e sobretudo a indispensável experiência, para que sejam, realmente, baluartes das verdades que eles tanto ensinam... quando têm oportunidade...

“AS SETE LÁGRIMAS... DE PAI-PRETO”

(COMPLETA)

Foi uma noite estranha aquela noite queda; estranhas vibrações afins penetravam meu Ser Mental e o faziam ansiado por algo, que pouco a pouco se fazia definir...

Era um quê desconhecido, mas sentia-o, como se estivesse em comunhão com minha alma e externava a sensação de um silencioso pranto...

Quem do mundo Astral emocionava assim um pobre “eu”? não o soube, até adormecer... e “sonhar”...

Vi meu “duplo” transportar-se, atraído por cânticos que falavam de Aruanda, Estrela Guia e Zambi; eram as vozes da Senhora da Luz-Velada, dessa Umbanda de Todos Nós que chamavam seus filhos-de-fé...

E fui visitando Cabanas e Tendas, onde multidões desfiliavam... Mas, surpreso ficava, com aquela “visão” que em cada uma eu “via”, invariavelmente, num canto, pitando, um triste Pai-preto chorava.

De seus “olhos” molhados, esquisitas lágrimas desciam-lhe pelas faces, e não sei por que, contei-as... foram sete. Na incontida vontade de saber, aproximei-me e interroguei-o: fala, Pai-preto, diz a teu filho, por que externas assim uma tão visível dor?

E Ele, suave, respondeu: estás vendo essa multidão que entra e sai? As lágrimas contadas, distribuídas, estão dentro dela...

A primeira eu a dei a esses indiferentes que aqui vêm em busca de distração, na curiosidade de ver, bisbilhotar, para saírem ironizando daquilo que sua mente ofuscada não pode conceber.

Outra, a esses eternos duvidosos que acreditam, desacreditando, na expectativa de um “milagre” que os façam “alcançar” aquilo que seus próprios merecimentos negam.

E mais outra foi para esses que crêem, porém, numa crença cega, escrava de seus interesses estreitos. São os que vivem eternamente tratando de “casos” nascentes uns após outros...

E outras mais que distribui aos maus, aqueles que somente procuram a Umbanda em busca de vingança, desejam sempre pre-

judicar a um ser semelhante – eles pensam que nós, os Guias, somos veículos de suas mazelas, paixões, e temos obrigação de fazer o que pedem... pobres almas, que das brumas ainda não saíram.

Assim, vai lembrando bem, a quinta lágrima foi diretamente aos frios e calculistas – não crêem, nem descrêem; sabem que existe uma força e procuram se beneficiar dela de qualquer forma. Cuidam-se deles, não conhecem a palavra gratidão, negarão amanhã até que conheceram uma casa da Umbanda...

Chegam suaves, têm o riso e o elogio à flor dos lábios, são fáceis, muito fáceis; mas se olhares bem seu semblante verás escrito em letras claras: creio na tua Umbanda, nos teus Caboclos e no teu Zambi, mas somente se vencerem o “meu caso”, ou me curarem “disso ou daquilo”...

A sexta lágrima eu a dei aos fúteis que andam de Tenda em Tenda, não acreditam em nada, buscam apenas aconchegos e conchavos; seus olhos revelam um interesse diferente, sei bem o que eles buscam.

E a sétima, filho, notaste, como foi grande e como deslizou pesada? Foi a ÚLTIMA LÁGRIMA, aquela que “vive” nos “olhos” de todos os orixás; fiz doação dessa aos vaidosos, cheios de empáfia, para que lavem suas máscaras e todos possam vê-los como realmente são...

“Cegos, guias de cegos”, andam se exibindo com a Banda, tal e qual mariposas em torno da luz; essa mesma LUZ que eles não conseguem VER, porque só visam à exteriorização de seus próprios “egos”...

“Olhai-os” bem, vede como suas fisionomias são turvas e desconfiadas; observai-os quando falam “doutrinando”; suas vozes são ocas, dizem tudo de “cor e salteado”, numa linguagem sem calor, cantando loas aos nossos Guias e Protetores, em conselhos e conceitos de caridade, essa mesma caridade que não fazem, aferra-

dos ao conforto da matéria e à gula do vil metal. Eles não têm convicção.

Assim, filho meu, foi para esses todos que viste cair, uma a uma, **AS SETE LÁGRIMAS DE PAI-PRETO!**

Então, com minha alma em pranto, tornei a perguntar: não tens mais nada a dizer, Pai-Preto? E, daquela “forma velha”, vi um véu caindo e num clarão intenso que ofuscava tanto, ouvi mais uma vez...

“Mando a luz da minha transfiguração para aqueles que esquecidos pensam que estão... **ELES FORMAM A MAIOR DESSAS MULTIDÕES**”...

São os humildes, os simples; estão na Umbanda pela Umbanda, na confiança pela razão... **SÃO OS SEUS FILHOS-DE-FÉ.**

São também os “aparelhos”, trabalhadores, silenciosos, cujas ferramentas se chamam **DOM** e **FÉ**, e cujos “salários” de cada noite... são pagos quase sempre com uma só moeda, que traduz o seu valor numa única palavra – a **INGRATIDÃO**...

Dedico esta “mística” àqueles que se arvoravam em “juízes” do meu Carma e foram ou se dizem ainda meus amigos... Que possam interpenetrá-la e meditar... visto se terem enganado, redondamente, nas suas “sentenças”, nas suas “predições”...

OS VÉUS DA DOR...

Oh! Senhor dos Mundos... Onde estás? Que não te ouço mais, desde aquele instante-luz – *marco* na eternidade de minha percepção consciente, dito como livre-arbítrio!

Instante maldito em que, usando de minha vontade, *desci* às terríveis regiões cósmicas da ignorância – do desconhecido!...

Onde estás?! Onde estás agora, Senhor?! Quando as chagas da *dor*, de sofrimento mil, vêm marcando como fogo esta minha alma, através de tantas e tantas encarnações e *nesta* se consubstanciaram na tremenda exigência desse *testemunho de fogo*.

Oh! Senhor das Vidas! Quão rígido é sentir-se os *véus da dor* abrir o íntimo da consciência e revelar em quadros retrospectivos a *soma* das ações contundentes, com as quais feri, da esquerda para a direita, a esses e aqueles!...

Oh! Senhor da Eternidade! Quão terrível é ver se rasgar os *Véus da Dor*, sentindo o *consciente* interpenetrá-la, nas profundas razões – de causas e efeitos, geradoras dessas condições, já marcadas no ritmo da conseqüência...

Mas, oh! Senhor das Almas! Afirmo-te conscientemente: – mais dolorosa que essas dores foi a revelação que a mim veio... Passarão as noites e os séculos, aos milhões, na repetição incessante dos *Ciclos* e, entretanto, a libertação final se encontra tão longe ainda, quanto a *distância-luz* que me falta para ascender, através das *galáxias*, à Linha de Evolução Original – aquela de onde vim...

E é por isso, Senhor, que sofro a desesperação de um *saber*, preso às células orgânicas que desgastei, no entrechoque das lutas e das emoções!...

Sim, sim Senhor das Vidas! Porque estas células sensíveis conservam, no íntimo de sua natureza, a *marca* dos “espinhos” que rasgaram os véus da minha *vontade*, dos meus desejos, desnudando-me a alma para a vertigem das encarnações...

Sim! Ainda conservo a lembrança de meu primeiro *pranto consciente*, porque vi, impressas nas lágrimas derramadas, as *sendas* que havia construído no passado... Elas, Senhor, se uniam como linhas, no final, formando um *caminho* e nele eu “me via frente a frente com meu *ponto-crucial*.”

Mas, oh! Senhor das Consciências! Quantas vezes – TU bem o sabes – consegui afastá-lo, pelas mil artimanhas de meu espírito... e, no entanto, *ontem* senti a imperiosa necessidade de enfrentá-lo e *hoje*, ele – esse *ponto crucial*, rasga mais um véu, o da grande dor, no testemunho consciente da prova que aceitei e dei nesta vida...

Agora, oh! Senhor da Suprema Lei, que parece *tudo* haver passado como um furacão, me ajuda a esquecer – porque, perdoar eu já o fiz – as dolorosas impressões que ainda estão aferradas em minha alma, de tantas e tantas traições, de tantas e tantas punhaladas e de tantas e tantas incompreensões...

1ª Parte

Preto-velho define Umbanda: Fala do Conceito Mitológico e do Conceito Esotérico ou de Adaptação Oculta do Astral • Das 7 Vibrações ou Linhas de Força Espiritual • Descreve as Três Classes ou Aspectos da Faixa Umbandista • Médiuns Fracassados • Causas • Duríssimas Vaidades • O Roteiro de Incertezas • Os Reflexos • A Reabilitação ou Reintegração Mediúnica • Fala dos Evangelhos – de Jesus e Deus-Pai...

Cícero: – Salve, meu bom irmão “preto-velho”! Aqui estou, de papel e lápis na mão, curioso, ansioso mesmo, para perguntar um “mundo de coisas”...

Preto-velho: – Salve, meu filho! Que a paz de Nosso Senhor Jesus Cristo possa estar em seu coração. Vamos, o que pretendes saber deste “preto-véio”? O que for da permissão de cima, será dito...

Cícero: – “Pai-preto”, como você sabe, venho girando nessas “umbandas” e estou cansado de ver tanta confusão. De um lado, ignorância rude, através de práticas mistas, fetichistas. De outro, ainda a mesma ignorância travestida na astúcia dos espertalhões e sempre na mesma confusão. E de mais outro, ainda pude ver e sentir a sinceridade dos simples de espírito e de fé, em busca da luz, que por certo há de existir na seara umbandista e que eles tanto buscam... Diga-me, bem bom irmão, afinal o que este seu filho-de-fé